

# **Desafios e dilemas éticos nos modos de enfrentamento do jornalismo ao contexto pandêmico**

Bianca Rosa

## **Introdução**

Apesar da profissão do jornalista já ser considerada uma profissão de risco, esse termo ressignificou-se durante a pandemia, por conta dos diversos desafios que o jornalista tem enfrentado durante o contexto da pandemia da Covid-19. Além do risco de contaminação, pela necessidade dos jornalistas de estarem nas ruas cobrindo os acontecimentos, também se percebe uma situação de precariedade nas condições de trabalho, fazendo muitas vezes com que os próprios jornalistas tenham que buscar elaborar a sua própria estrutura, nesse caso, obtendo por iniciativa própria os seus equipamentos de proteção ou mesmo, criando condições de trabalho remoto. Para dificultar essa situação, os

jornalistas ainda enfrentam uma intensa campanha de desinformação sobre como proceder na cobertura da pandemia, enfrentando um contexto no qual muitas pessoas, incentivadas pelas declarações do presidente Jair Bolsonaro, se comportam de maneira a afrontar as medidas sanitárias necessárias para combater o avanço da Covid-19, tais como o distanciamento social, o uso de máscaras e a aplicação das vacinas. Nesse sentido, também há uma disputa de sentidos bastante impositiva quanto à defesa pelo uso de medicamentos de uso científico não comprovado como tratamento preventivo contra o vírus.

Como sabemos, a atividade jornalista é realizada, em grande parte, através de relações interpessoais no processo de apuração de notícias e no contato com suas fontes. E apesar de algumas emissoras terem realizado de fato o distanciamento, fazendo com que alguns de seus profissionais trabalhem de casa, a grande realidade é que a maioria dos jornalistas é obrigado a comparecer presencialmente nas redações e em coberturas de rua. E muitas vezes, esse profissional não recebe uma estrutura adequada para que possa realizar o seu trabalho de forma segura. É preciso considerar neste contexto a preocupação com protocolos e equipamentos de segurança, como o uso de máscaras, prática de distanciamento e um deslocamento até o trabalho que seja realizado mediante transporte subsidiado pela empresa. Outra questão se refere às novas rotinas adotadas neste momento atípico, em que as empresas jornalísticas adotam por flexibilização de contratos, enxugamento de cargos e salários e sobrecarga de trabalho combinada a uma sobrecarga com relação à vida pessoal, no comprometimento com a educação dos filhos e o serviço doméstico, com esses últimos fatores atingindo em grande número as mulheres jornalistas.

## **Pandemia e violência contra jornalistas: cenário de risco**

Segundo o “Dossiê de Jornalistas Vitimados pela Covid”, levantamento realizado pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), o Brasil já é considerado o país com o maior número de jornalistas mortos por Covid. Conforme a entidade, a média mensal de mortes de jornalistas por Covid-19 desde o início do ano até 2 de junho teve um aumento de 277% na comparação com 2020. O relatório também apontou a morte de 155 profissionais da categoria, em 153 dias deste ano, enquanto, em 2020, foram 80 óbitos. O mês com índice mais alto em 2021 foi em março, de acordo com o documento, registrando 50 vítimas do novo Coronavírus no jornalismo. Os dados ultrapassam o número de uma morte de jornalista por dia e estes números seguem aumentando. Conforme dados do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Engenharia (COPPE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Brasil, os profissionais da imprensa possuem em média 52% de risco de contrair o Coronavírus. O balanço mais atualizado, publicado em setembro de 2021 pela Press Emblem Campaign (PEC), organização sediada em Genebra (Suíça) que acompanha desde o início da pandemia o número de jornalistas mortos por Covid-19 no mundo, mostra que o Brasil está ao topo da lista em número de profissionais mortos na pandemia. Pelo menos 280 profissionais de imprensa brasileiros perderam a luta contra o Coronavírus. O secretário-geral da PEC, Blaise Lempen, afirmou que dentro desta estatística, os “jornalistas de campo continuam entre os profissionais mais expostos à contaminação”.

Outra questão que se coloca como alarmante neste contexto é a atual situação de hostilidade provocada pelo atual presidente da República, Jair Bolsonaro, que faz questão de hostilizar jornalistas em suas exposições públicas e incita seus seguidores a fazerem o mesmo. Um levantamento elaborado em 2020 pela Federação Nacional dos Jornalistas (FE-

NAJ) constatou que houve um crescimento significativo das violações à liberdade de imprensa no país, fato que é atribuído pela entidade ao movimento bolsonarista. O documento mostra que somente no ano de 2020 foram 428 casos de ataques – incluindo dois assassinatos – o que representa um aumento de 105,77% em relação a 2019, ano em que também houve crescimento. A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) também aferiu que de janeiro a março deste ano foram identificados 73 ataques a meios de comunicação, jornalistas, comunicadores e imprensa de modo geral, registrando um crescimento de 38% na escalada da violência contra comunicadores no país.

Conjuntamente aos desafios para se manter vivo e ao mesmo tempo, continuar trabalhando no jornalismo, um dos fatores que dificultam a prática jornalística é a campanha de desinformação que também é promovida por grupos que apoiam Bolsonaro. São disseminados diariamente em grupos de *Whats App* e em redes sociais diversos boatos sobre possíveis remédios que poderiam ser usados no tratamento precoce da Covid-19, medicamentos como Cloroquina e Ivermectina, cuja eficácia na prevenção da doença já foi desmentida por especialistas em epidemiologia e pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Os mesmos grupos disseminam uma série de *fake news* contra o uso de máscaras e a necessidade de distanciamento social, o que é incentivado pelo próprio presidente e seus apoiadores. Outro caso que dificulta a informação da população sobre a Covid é a subnotificação dos dados dos infectados e mortos pela doença, que são divulgados pelo Ministério da Saúde. Para contornar este problema de maneira pontual, em uma iniciativa inédita, os grandes veículos de imprensa se uniram na criação de um consórcio<sup>1</sup>, que divulga este levantamento de maneira extraoficial.

1 O consórcio é formado pelos grupos Globo, Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e UOL, que realizam o levantamento dos dados sobre a pandemia através de dados divulgados pelas secretarias estaduais de saúde.

## A importância do debate sobre ética no jornalismo

Para buscar contribuir com os jornalistas no enfrentamento desta situação, o Observatório da Ética Jornalística da UFSC, o objETHOS, grupo coordenado pelo professor Rogério Christofolletti, realizou a produção de duas publicações: o “Guia de Cobertura Ética da Covid-19”, que informa os jornalistas sobre quais os cuidados os jornalistas e as empresas jornalísticas devem tomar na cobertura da pandemia, e o e-book “Ética Jornalística e Pandemia: entrevistas com especialistas”, que debate, através de conversas de especialistas de diversas áreas, respostas sobre questões relativas ao contexto pandêmico. Esse foi dos assuntos abordados na conversa realizada com Christofolletti no canal CISECO Entrevistas<sup>2</sup>, que trouxe como tema principal alguns aspectos relacionados à ética na pandemia. Segundo o jornalista, os dois projetos foram realizados com a intenção de agir de maneira colaborativa à prática profissional dos jornalistas e também para oferecer uma proposta de reflexão quanto a questões importantes a realização destas práticas, como a alteridade e sensibilidade necessárias ao se retratar dramas familiares de quem está sofrendo com o luto, a responsabilidade ao divulgar dados que não são repassados de maneira transparente pelas instituições, ou até mesmo a questão mental dos próprios jornalistas, que precisam continuar atuando mesmo em uma situação de tensão constante.

O guia possui um caráter mais instrumental, pois é voltado especificamente aos jornalistas e reúne recomendações que ajudam a nortear coberturas mais éticas e responsáveis, procurando sensibilizar os pro-

2 A entrevista com Rogério Christofolletti para o projeto CISECO Entrevistas foi realizada no dia 2 de março de 2021 e está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=m4LFPhHZTYs>.

fissionais da comunicação para formas mais humanizadas de se produzir e transmitir informações no contexto pandêmico. Conforme Cristofolletti, o guia está apoiado em quatro tipos de cuidado com relação ao trabalho dos jornalistas: o cuidado de si (do próprio profissional), o cuidado da informação, o cuidado com as fontes e o cuidado com o público. Assim, o conteúdo publicado reforça orientações sobre como manter cuidado ao lidar com familiares das vítimas e ser cauteloso com a procedência da informação, com o trabalho de apuração da notícia e na busca de fontes confiáveis. São cuidados que, para Cristofolletti, reforçam a ressignificação das práticas profissionais em várias camadas:

Para nós (do objETHOS), havia uma preocupação com essas pessoas que saíam para se arriscar todos os dias. Enquanto havia um clamor da própria imprensa para que as pessoas, aquelas que podiam, se mantivessem em casa, cuidando de si, cuidando dos outros, esperando que o vírus não circulasse com muita rapidez e que o sistema de saúde não fosse tão pressionado, tão impactado, nós sabíamos que esses profissionais tinham que colher informações e que esses profissionais tinham que adotar novas práticas. Por exemplo, profissionais que possuem um contato muito próximo com as suas fontes [...] geralmente (esses profissionais) estão a menos de meio metro das pessoas. Sabemos desde o princípio que uma das formas mais fáceis de contato (contaminação) é pelas vias aéreas, e então além [...] do repórter e a fonte, usarem máscara, elas precisam estar mais distantes para que não houvesse esse tipo de contato, como a adoção de uma vara para distanciar mais, ou permitir um microfone exclusivamente para fonte, coisas que não fazíamos antes. Mas há outros tipos de cuidado, como a higiene constante e com a forma de tratar a informação, no cuidado com a informação e com o próprio profissional quanto à transparência e com a checagem da informação ao revelar o nú-

mero de mortos, infectados, curados, assim quanto a informações tais como a compra de vacinas, dentro de um processo de apuração da informação que é necessário. (CHISTOFOLLETTI, CISECO Entrevistas, 2 mar 2021, 8m21s-11min26s).

A publicação também alerta para que se evite o que se convencionou como "equilíbrios artificiais", como a isenção e a imparcialidade, e da necessidade de considerar os aspectos raciais, de gênero e de classe, pois alertam que a pandemia tem mostrado que os grupos historicamente marginalizados podem sofrer mais com a Covid-19. Manter uma relação de transparência com o público, se manter do lado das vítimas e firme contra as autoridades, ser empático, não se deixar levar pelo ímpeto da pressa de publicar, trazendo prejuízos na apuração, e evitar o jornalismo apelativo são uns dos aspectos considerados pelo manual, que já teve mais de cinco mil downloads.

## Dilemas éticos em meio ao contexto pandêmico

O livro sobre ética jornalística, realizado a partir de um levantamento realizado pelo laboratório das pesquisas realizadas em torno de temas como saúde, ética e comunicação, é voltado a um público mais amplo e procura trazer entrevistas realizadas com diversos profissionais que desenvolvem projetos em torno destes temas, tanto pesquisadores, como jornalistas atuantes nas mídias e divulgadores científicos. São entrevistados nomes como Márcia Amaral, Helena Martins, Raquel Recuerdo, Roseli Figaro, Fabiana Moraes, Yan Boechat, Jeff Jarvis, Luiza Caires, Thales Lelo, entre outros. Dentre os assuntos tratados, a maneira de como abordar uma cobertura que retrata uma tragédia humana, tal como a pandemia; a questão da transparência e da desinformação; a relação do jornalismo com a ciência e a educação; as condições de trabalho dos jornalistas e questões relativas à subjetividade, como a polarização

ideológica, a invisibilidade das pessoas comuns e a desigualdade social. Outra preocupação diz respeito à importância do jornalista praticar um jornalismo cuidadoso, sobretudo no que diz respeito ao autocuidado de si, ao procurar usar equipamentos de segurança, manter distanciamento, agir de maneira colaborativa e cuidar do próprio equilíbrio mental. Como sugerem os pesquisadores da objETHOS, Rogério Christofolletti e Dairan Paul, no artigo "O jornalismo cuidadoso salva vidas", é imprescindível que os jornalistas considerarem alguns cuidados no exercício da profissão, por serem maneiras de tornarem seguras e mais saudáveis as relações que o jornalista estabelece com suas práticas, com suas fontes, com o sistema jornalístico e com a sociedade:

Toda profissão, para ser exercida, exige certa dose de cuidados, porque sem eles os riscos aumentam muito além da nossa capacidade de controle. Os cuidados funcionam, então, como válvulas de escape, dispositivos de segurança. Toda vez que a temperatura e a pressão sobem a níveis preocupantes, a válvula na tampa da panela é acionada de forma a aliviar um pouco o ambiente interno e evitar a explosão. Em outras situações, os cuidados operam assim, dando-nos condições aceitáveis de convivência em sociedade. [...] É por isso que outra dimensão do cuidado tem a ver com o público. Ouvir suas demandas não significa se tornar refém do que a audiência deseja. Atender ao interesse público pode coincidir com o interesse "do público", especialmente quando são preocupações de grupos socialmente vulneráveis. Direcionar um conteúdo para o cuidado evita reduzi-lo a valor abstrato. A questão não é se jornalistas podem cuidar de outras pessoas, mas sobre quais temas ou quem devem privilegiar, para entender quais histórias valem a pena serem escritas. (CHRISTOFOLLETTI, PAUL, 2020, s.p.).

A pesquisadora Janara Nicoletti aborda a questão da importância do cuidado mental com relação a como o trabalho jornalístico durante a pandemia tem impactado o equilíbrio psicológico dos profissionais. No texto publicado no site da ObjETHOS, que traz o título "É preciso falar sobre a saúde mental dos jornalistas", ela aponta que, de acordo com o projeto "Jornalismo e Pandemia", realizado pelo International Center for Journalists (ICFJ) em parceria com o Tow Center for Digital Journalism da Columbia University, 70% dos entrevistados consideraram os efeitos psicológicos da Covid-19 como o aspecto mais difícil para lidar no trabalho. A pesquisa realizada com 1406 jornalistas de 125 países também revelou que 82% dos entrevistados informaram terem tido ao menos uma reação negativa emocional devido à pandemia. Uma outra pesquisa, realizada pela Federação Internacional dos Jornalistas (IFJ, na sigla em inglês) mostrou que 59,19% verificaram aumento de ansiedade e estresse no trabalho ainda em abril de 2020. Nicoletti também aponta a falta de preparo do jornalista quanto à maneira em que se relaciona com as tragédias que reporta, e que podem refletir no próprio profissional em danos psicológicos:

Em situações de tragédia ou violência, o jornalista muitas vezes assume o papel de testemunha da história, demonstrando sentimentos como desespero, raiva ou terror, explicou a doutora Cait MacMahon em entrevista para o site da Global Investigative Journalism Network. Segundo a diretora do Dart Center for Journalism and Trauma – região Ásia e Pacífico -, o profissional da imprensa pode sofrer danos psicológicos em três diferentes estágios do seu trabalho: como testemunha ou participante do evento; ao comunicar e demonstrar compaixão para com as vítimas; e ao contar suas histórias para o público. (NICOLETTI, 2021, online).

Nesse sentido, uma questão ética bastante importante no que se refere ao trabalho do jornalista é o fato de que com a pandemia, os jornalistas, seguiram a tendência adotada por diversos profissionais de outras áreas, de trabalhar em regime de home office. Essa prática, além de sobrecarregar o profissional e transferir o ônus da produção para quem trabalha, também prejudica a prática jornalística, justamente por não haver a convivência dentro das redações, conforme explica Christofolletti:

A pandemia tem precipitado algumas coisas. Ela tem acelerado o processo de enxugamento das redações. Há inclusive algumas pesquisas que já demonstram que os empregadores têm manifestado a vontade de, tão logo as coisas se normalizem, vão adotar sistemas híbridos. [...] O motivo disso é muito simples, redução de custos. Mas quando esses profissionais vão para as suas casas, quem absorve os custos (de produção) são esses profissionais. [...] Muitas vezes é o próprio profissional que precisa regular o seu próprio horário e na maioria das vezes ele acaba trabalhando mais, fazendo horas extras para receber mais. Então, para muitos empresários, a adoção de redações remotas é um grande negócio. Por outro lado, é uma grande injustiça você transferir custos de produção para quem trabalha, mas para além disso, há um problema ético, porque as redações são um lugar consagrado dentro da prática jornalística. É nas redações que discutimos a angulação, o enquadramento da matéria, quais as fontes ouviremos, em que sequência, qual intensidade, o que cobriremos e o que não cobriremos. [...] Se vamos cobrir alguns riscos de publicar algo que não será suficientemente checado, ou se vamos segurar a matéria. Essas são decisões que não são apenas decisões técnicas, são decisões também éticas. Então, a redação é o berço de um caldo de

cultura jornalística que ajuda a tornar o jornalismo melhor. (CHRISTOFOLLETTI, CISECO Entrevistas, 2 mar 2021, 16m36s-21m47s)

Dessa maneira, a tentativa de manter um equilíbrio psicológico por parte do jornalista sofre um agravante por conta da extenuante pressão que envolve as condições de trabalho advindas da alta procura da população por informações sobre a pandemia, conforme alerta o pesquisador Thales Lelo:

É preciso levar em consideração que o histórico de descumprimento de leis trabalhistas e de degradação das condições laborais nas organizações jornalísticas cria, mesmo sem a pandemia, um ambiente insalubre para os comunicadores do ponto de vista físico e mental. A crise de saúde pública só agrava esse quadro. Mas, mesmo se pensarmos nos repórteres por notícias, especialmente em veículos que realizam cobertura factual, gera um excesso de trabalho aos profissionais em um contexto já delicado devido ao sofrimento causado pelo isolamento social. (LELO apud DANKOSKY et al., 2020, p.96).

Outro aspecto abordado pela pesquisadora é a própria atuação da mídia. Segundo a professora Helena Martins, da Universidade Federal do Ceará, a instituição midiática vive uma profunda crise, situação que se agravou durante a pandemia, em uma cobertura tensionada por grupos econômicos, que também são midiáticos, e que se posicionaram de maneira contrária ao isolamento social, diminuindo a gravidade da crise sanitária, além da disputa de sentidos e quanto à agência da comunicação por parte dos meios midiáticos tradicionais com outros atores sociais e instituições que se comunicam através de outras plataformas.

Além do processo de dispersão da audiência, também vivenciamos, como parte de uma crise política mais ampla, uma profunda crise da própria instituição midiática. Ela é bastante atacada e descredibilizada por discursos reacionários, que buscam superar a mediação de instituições por meio de um contato direto entre agente político e população. [...] Mas destaco que a crise midiática também deriva da própria atuação da mídia. Tivemos muitos exemplos de práticas tendenciosas, de invisibilização dos sujeitos, movimentos, religiões e culturas inteiras do nosso próprio país. [...] Esse caldo todo faz com que o momento de pandemia seja também uma disputa entre agentes: por um lado, meios de comunicação tradicionais querem se arvorar como donos da verdade, mais confiáveis, e muitas vezes generalizam o que existe na internet como não profissional. Por outro lado, a própria mediação da tecnologia fortalecida neste momento tem feito com que muitas atividades de trabalho e debates políticos migrem para as redes sociais. (MARTINS apud DANKOSKY et al., 2020, p.29).

Nesse sentido, um dos grandes desafios aos jornalistas e pesquisadores em comunicação é o crescente fenômeno de desinformação motivada por veículos hiperpartidários que se dizem análogos à mídia tradicional, conforme aponta a professora da Universidade Federal de Pelotas, Raquel Recuero. A pesquisadora realizou uma análise no Twitter sobre compartilhamentos de postagens sobre o coronavírus de maior repercussão, que evidenciou uma "guerrilha informativa entre Governo Federal, Estados, Municípios e o próprio Ministério da Saúde" (RECUERO apud DANKOSKY et al., 2020), produzindo e circulando desinformação em espaços que se diferem dos espaços em que se publicam os desmentidos, como o ambiente científico, por exemplo.

Dessa maneira, a pesquisadora objetiva comprovar que a participação de autoridades contagia a dinâmica da desinformação, mobilizando outras pessoas e dinamizando disputas discursivas. A pesquisadora também constatou, através de suas análises, que nas redes sociais, que são mais públicas, o que ocorre é a manipulação da informação, enquanto em plataformas como o WhatsApp há uma circulação maior de desinformação fabricada e teorias da conspiração, em grande parte por ser mais difícil de haver contraposição deste conteúdo, já que são disseminados em grupos privados. Isso ocorre, segundo Christofolletti (2021), porque estas autoridades buscam desafiar e alargar os limites das instituições democráticas, sendo uma delas, a instituição jornalística. Algumas das manifestações desse alargamento podem ser percebidas dentro das práticas jornalísticas como reforçadores desse discurso, sendo um deles a buscar por publicar os "dois lados" de uma mesma questão, promovendo uma relação de falsa simetria, ou o jornalismo declaratório, que coloca entre aspas declarações absurdas, preconceituosas ou até mesmo criminosas.

Nesse sentido, a pesquisadora Márcia Franz Amaral, que se dedica a estudar coberturas jornalísticas de desastres desde 2011, afirma que os acontecimentos complexos dificilmente são narrados pelo jornalismo em sua totalidade:

Diversos fatores estão envolvidos em uma tragédia e conferem complexidade ao acontecimento, explica a pesquisadora. Os sentidos que compõem uma catástrofe modificam-se ao longo da história e "têm grande poder de afetação, pois só existem porque destroem, mas ao mesmo tempo desvelam problemas sociais, ambientais e econômicos". É essa multiplicidade de causas que pode colidir com a lógica das rotinas jornalísticas. "A cobertura compassada com o tempo cronológico do desastre é fundamentalmente anestésicante", sintetiza. "Nestas condições, a apuração, que é o diferencial

do jornalismo, ocorre de maneira fragilizada, superficial, em tempo real e a conta gotas". (AMARAL apud DANKOSKY et al., 2020, p.12).

Portanto, a cobertura midiática publicada pelos meios tradicionais mostra uma visão superficial do acontecimento, não levando em conta o contexto que possibilitou uma calamidade em nível mundial, o que demonstra a falta de questionamentos sobre como chegamos nessa situação. Essa distorção se torna evidente ao se verificar a cobertura da pandemia como uma tentativa de agendamento em torno de retratar o alastramento da Covid-19 como uma tragédia imprevisível. Helena Martins discorda desta perspectiva, ao afirmar que a cobertura jornalística em torno da epidemia deveria ter como eixo o questionamento acerca da ação destrutiva dos humanos sobre a natureza:

Outra questão é a forma como a pandemia é apresentada e quais saídas a ela são discutidas. Grupos midiáticos, no geral, a tratam como algo ocasional, uma tragédia não-previsível. Na minha opinião, não se trata disso. Vários estudiosos, como epidemiologistas e ambientalistas, discutem as transformações no próprio sistema capitalista a partir do avanço sobre a natureza e a destruição das áreas verdes. A crise ambiental que temos vivenciado é compreendida como fruto essencialmente da ação humana – o antropoceno. Por isso, esses pensadores e pensadoras têm alertado que a pandemia é uma expressão da própria crise do sistema capitalista, e de sua dissociação entre sociedade e natureza. A globalização neoliberal, a mistura de culturas – e, portanto, também, de alimentos, bactérias, vírus –, tudo isso precisa ser analisado como parte de uma totalidade social, e não como algo ocasional ou surpreendente. Tanto é que alguns autores também apontam para a possibilidade de outras pandemias com o passar

do tempo. Essa visão mais complexa e interrogativa sobre as origens estruturais do problema que estamos vivendo não aparece nos meios de comunicação tradicionais. (MARTINS apud DANKOSKY et al., 2020, p.27).

A superficialidade dos enunciados jornalísticos na forma de enunciados que reduzem a pandemia a uma catástrofe acidental também é motivada por uma questão econômica, já que muitos anunciantes da cadeia jornalística são empresas responsáveis por degradar o meio ambiente, como mineradoras. Há também uma questão ambígua com relação à maneira como as empresas jornalísticas enunciam a omissão do Governo Federal com relação à gestão na pandemia, muitas vezes por conta de verbas publicitárias que este mesmo governo direciona para estas empresas.

### **A delicada relação entre apuração, audiência e desinformação**

Conforme pondera a jornalista Luiza Caires, editora do Jornal da USP, houve, durante a pandemia a disseminação de conteúdos apelativos sobre a pandemia para atrair mais cliques, prática que se convencionou como clickbait. Essa maneira de agir também é muito conhecida pelos jornalistas, que muitas vezes na intenção de dar em primeira mão o "furo jornalístico", acabam publicando notícias falsas que não sofreram um adequado processo de apuração.

Um dos casos mais emblemáticos ocorridos durante a pandemia foi a denúncia através de uma reportagem<sup>3</sup> da Folha de São Paulo, com

3 Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/07/milhares-no-brasil-tomaram-vacina-vencida-contracovid-veja-se-voce-e-um-deles.sht> >



o título "Registros indicam que milhares no Brasil tomaram vacina vencida contra Covid; veja se você é um deles", informando que mais de 26 mil pessoas teriam recebido doses de vacinas AstraZeneca fora do prazo de validade. O equívoco aconteceu por conta de um atraso na publicação dos dados sobre os vacinados no sistema DataSus, o que induziu o jornal a sugerir que parte da população brasileira havia recebido vacinas vencidas. Essa inconsistência chamou a atenção de jornalistas e pesquisadores, que se dedicaram em verificar a apuração da notícia publicada pelo jornal, comprovando que na verdade, se tratava de um problema na publicação dos dados sistema do DataSus. Porém, na hora da retração pelo jornal, a Folha publicou uma crítica a quem apontava a inconsistência entre o que foi enunciado pelo jornal e os dados encontrados. Como o título "Jornalistas apontam falhas do sistema de vacinas e viram alvos dos 'puros'", o texto afirmava que "subestima-se a capacidade da população de lidar com fatos comuns, como o recall de medicamentos ou vacinas, seja por falha humana ou erro técnico". Em outra reportagem<sup>4</sup>, o mesmo jornal afirmou que o sistema de divulgação do Ministério da Saúde era precário e não havia a comprovação de que as vacinas estavam sendo realmente aplicadas. Contudo, partiu da publicação a alegação de que vacinas vencidas haviam sido aplicadas, divulgando inclusive os lotes vencidos, conteúdo que foi amplamente circulado e compartilhado nas redes sociais. Essa informação equivocada foi desmentida com muito tempo de atraso, e com muitas ressalvas, o que só colabora com a própria descredibiliza-

---

ml>. Acesso em 22 ago 2021.

4 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/07/jornalistas-apontam-falhas-do-sistema-de-vacinas-e-viram-alvo-dos-puros.shtml?origin=uol>>. Acesso em 22 ago 2021.

5 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/07/estrutura-de-dados-no-brasil-nao-permite-verificar-se-vacinas-contra-covid-vencidas-fo-ram-aplicadas.shtml?origin=folha>>. Acesso em 22 ago 21.

ção da enunciação jornalística, como reflete o jornalista Moreno Luiz Osório:

[...] jornalismo de dados é, antes de tudo, jornalismo. E jornalismo também é discurso. A forma como o jornalismo diz as coisas também deve ser levada em consideração, às vezes tanto quanto o que é dito. A matéria da Folha, especialmente com o seu título original, pode até ter jogado luz nas inconsistências nos dados da saúde do país. Mas [...] a matéria teve pouca preocupação com as possíveis consequências daquela leitura da realidade (a análise dos dados e sua posterior comunicação). Tanto é que a Folha admitiu o erro e publicou uma correção, ainda que quatro dias depois. [...] No Twitter, Luiza Bodenmüller lembrou o que pode representar a demora da Folha em admitir o erro. "Quando a gente fala em 'crise de confiança' no jornalismo, é preciso levar em conta que boa parte dela está na demora em reconhecer e reparar erros. (OSÓRIO, 2021, online).

Por conta destas inconsistências no trabalho jornalístico, observamos o crescimento das agências de fact-checking como uma ferramenta que se coloca como necessária diante do quadro de processos de apuração negligentes ou até mesmo quando o jornalismo referenda declarações mentirosas de autoridades. Christofolletti (2021) também ressalta que a prática de desmentido, logo após a notícia ser divulgada, com o mesmo espaço e peso com que foi publicada, também é um importante instrumento de contraposição à desinformação e na construção de uma melhor relação de credibilidade entre os jornalistas e a sociedade. Porém, segundo o jornalista, há a necessidade de uma série de outras medidas conjuntas com as agências de checagem no combate à desinformação.

Eu vejo com bastante critério as agências de checagem. Elas são importantes, mas também têm muitas limitações. A primeira limitação das agências de checagem é a de escala. Nós temos hoje, a cada dia, dezenas de milhares de informações circulando por aí. E somadas às agências de checagem, nós não conseguimos checar ou re-checar todas elas. Então, há um problema de volume. Um outro problema é o estatuto dessas agências como certificadoras daquilo que é verdadeiro e daquilo que é falso. E isso pode colocar as agências de checagem por exemplo em colisão com outros operadores da informação, como os jornalistas, que estão checando as informações nas redações e convictos de que estão certos. Outra questão é que o fenômeno da desinformação precisa ter muitas outras iniciativas para além das agências de checagem, [...] iniciativas como educação midiática, programas de monitoramento da informação e de observatórios que ajudem a apontar a desinformação, assim como mecanismos jurídicos para punir quem vive do ecossistema de desinformação, mecanismos de responsabilização das big techs da opacidade algorítmica, entre outras coisas. (CHRISTOFOLETTI, CISECO Entrevistas, 2 mar 2021, 40m04s-41m53s).

Uma iniciativa inédita que se configurou como símbolo mais palpável de um diálogo entre jornalistas e sociedade foi a criação do Consórcio dos Veículos de Imprensa, que pela primeira vez reuniu, em um esforço colaborativo de apuração dos dados sobre a Covid-19, as maiores empresas jornalísticas brasileiras. Mesmo com a imprecisão por parte de instituições com relação a dados, e o desafio de driblar as campanhas de desinformações, a situação limite proposta pelo contex-

to pandêmico também demonstrou um poder de ação dos jornalistas apesar das adversidades, como reforça Christofolletti:

Três meses depois do surto global, o Ministério da Saúde não só atrasava números sobre a doença como culpava os governos estaduais pela falta de transparência desses dados públicos. Diante da necessidade de informar o alastramento da Covid diariamente, seis veículos formaram uma força-tarefa para colher junto às secretarias de saúde os dados de contaminação e mortes. G1, O Globo, Extra, O Estado de S.Paulo, Folha de S.Paulo e UOL formaram o consórcio midiático numa iniciativa rara na paisagem brasileira. Com organização e método, acertaram em três frentes: mantiveram a rotina de informar a evolução da doença; fortaleceram a credibilidade de suas marcas; e reduziram suas dependências dos dados sistematizados pelo governo federal. A lição? Se o empecilho é comum, a solução pode ser coletiva. (CHRISTOFOLETTI, 2021, online).

Outra atitude importante para contribuir na divulgação de dados científicos sobre a epidemia foi a do jornalista estadunidense Jeff Jarvis, também professor da Escola de Jornalismo Craig Newmark, da City University, de Nova York. Ele decidiu criar no Twitter a "Lista Covid-19", que reúne mais de 500 especialistas ativos nas redes sociais com relevante experiência no assunto. A lista obteve tanta repercussão, que fez com que o próprio Twitter procurasse Jarvis para obter ajuda quanto aos selos de verificação destes influencers dentro da plataforma. Segundo o pesquisador (apud DANKOSKY et al., 2020, p.77), faz parte do trabalho do jornalista estar informado e ajudar a melhorar o debate público, o que fez com que ele mudasse a sua própria definição de jornalismo para "convocar comunidades a uma conversa respeitosa, informada e produtiva", argumentando que a participação

do jornalismo na construção do conhecimento deriva de um processo. Sendo assim, sua proposta é a de que precisamos repensar o papel do jornalismo em uma nova realidade, na qual as pessoas estão obtendo informações por conta própria. Segundo Jarvis, precisamos pensar em como tornamos as informações mais abertas e transparentes, reconhecendo a nova realidade da rede, e buscando entender como podemos agregar valor às comunidades de novas maneiras. Essa proposta repercute imediatamente no diálogo com a ciência, com relação ao fato de que os jornalistas precisam desconstruir o ímpeto de buscar uma palavra final, já que o processo científico denota uma outra processualidade:

Ao cobrir ciência, os jornalistas têm o péssimo hábito de tomar a palavra mais recente como a final. Precisamos apresentar a ciência como ela é: um processo de constante descoberta. Precisamos colocar o estudo mais recente no contexto de estudos anteriores e de perguntas ainda não respondidas. É enganoso escrever uma manchete sobre um único estudo como se fosse uma resposta definitiva. Os cientistas nunca diriam que sabem tudo sobre o que precisam para chegar a uma conclusão final. Por que nós faríamos isso? Agora estamos trabalhando em um ecossistema de informações abertas. Isso é verdade não apenas para nós, cidadãos comuns. Também é verdade para os cientistas. [...] Eu celebro a internet aberta porque ela fornece um local para o público ter uma conversa aberta e um local para compartilhar informações. Novamente, nós no jornalismo precisamos aprender como agregar valor a esse novo processo. (JARVIS apud DANKOSKY et al., 2020, p.115).

## A agência da subjetividade do jornalista

Existem outras maneiras de praticar a agência jornalística com o objetivo de combater a desinformação, porém, também questionando o reforço dos estereótipos como tentativa de desumanizar outras etnias e identidades. A professora Fabiana Moraes, da Universidade Federal de Pernambuco, alerta que “atentar para a riqueza de outras narrativas também é questionar os valores tidos como supostamente universais”, um problema que ela considera urgente para a ética jornalística. Uma das maneiras de lidar com essa questão é apostar no potencial subjetivo dos jornalistas como agentes de sua própria fala. Segundo a pesquisadora, há um grande problema cometido pela imprensa de divulgar discurso de ódio ou defesa de medicamentos como a cloroquina através das aspas dos entrevistados, não levando em conta de que a publicação desse conteúdo pela mídia jornalística ajuda a reforçar esse discurso. A lógica fordista de um jornalismo objetivo, mecânico e impessoal, que apenas noticia, sem questionamentos, é contraditório ao próprio fazer jornalístico, pois a escolha do que divulgar e a quem dar voz também já se demonstra em um posicionamento político do próprio veículo jornalístico:

Se a intenção da imprensa é mostrar o absurdo da situação, sabemos que, no final, foi por falar tranquilamente sobre violência (algo entendido como “espontaneidade” ou “brincadeira” por muitos) que o candidato também se elegeu – para mais tarde atacar como nunca a própria imprensa. Se o veículo “só noticia”, então podemos pensar que as notícias, as edições, podem ser feitas por robôs, não por pessoas que podem – e muitas vezes devem – interpretar o mundo no momento em que o publicizam. Jornalistas são filtros, seres pensantes. A negação disso é a negação do próprio jornalismo. Fomos forçados nas últimas décadas a não pensar,

só fazer, e isso nos levou a um cenário catastrófico. (MORAES apud DANKOSKY et al., 2020, p.115).

A pesquisadora cita o jornalismo de subjetividade como uma ferramenta e um movimento de autorreflexão sobre as práticas, para ultrapassar os valores-notícia essencialmente hierárquicos e superar a perspectiva do fato extraordinário como noticiável, assumindo o posicionamento de quem fala, sem esconder uma fala situada, uma perspectiva que se vê como universal enquanto fala de um outro diferente. Ela exemplifica seu argumento mencionando as narrativas dominantes que associam continentes inteiros à pobreza, como o caso da África, ou da maneira com que o povo indígena ou a região do Nordeste são retratados pela imprensa brasileira de maneira estereotipada e preconceituosa.

## Alguns apontamentos

Portanto, com relação às práticas jornalísticas, há uma série de questões que influenciam nos seus processos, o que acaba sendo determinante na relação do jornalista com a apuração, com as fontes e com suas próprias subjetividades. Em conclusão, alertamos que o diálogo entre a sociedade e com os diversos sistemas que a compõem é vital para que possamos enfrentar as adversidades que a pandemia impôs com que nos deparássemos. Nesse sentido, a preocupação ética abrange várias camadas dentro do sistema jornalístico. Cabe aos jornalistas ampliar a sua própria maneira de ver e praticar o jornalismo, estabelecendo um diálogo mais franco e amplo com a sociedade. Precisamos sim informar, mas com qualidade de apuração. Também precisamos contar as histórias das pessoas, respeitar suas dores, questionar as instituições, procurar especialistas de referência no assunto que estamos divulgando. Precisamos de um jornalismo que ofereça ao público

mais escuta, alteridade e empatia. Mas também precisamos dessa empatia como uma contrapartida das empresas jornalísticas para com seus profissionais. Nesse sentido, é necessário oferecer aos jornalistas melhores condições estruturais de trabalho, além de um direcionamento no sentido de orientar sobre cuidados que se colocam como necessários nas práticas profissionais.

Da mesma maneira, também cabe à sociedade apoiar o jornalismo local e independente, e exigir dos jornalistas uma prática que reflita as subjetividades de cada lugar, cobrando maior responsabilidade nos processos de apuração e publicização da notícia, em uma prática jornalística que ofereça cada vez mais voz as pessoas comuns, trazendo luz às invisibilidades, aos silenciamentos, nos insurgindo contra as violências cotidianas, buscando assim construir um jornalismo que reverbera através do conhecimento o poder que a sociedade pode exercer através da coletividade.

## Referências

CHRISTOFOLETTI, Rogério. PAUL, Dairan. *Guia de cobertura ética da Covid-19* [E-book]. Florianópolis: ObjETHOS, 2020.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. O jornalismo cuidadoso salva vidas. *Revista Coletiva*, n.29, Fundação Joaquim Nabuco, Campinas: 2020.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. O que os jornalistas aprenderam com o primeiro ano da pandemia. Blog ObjETHOS, 01 fev. 2021. Disponível em: <<https://objethos.wordpress.com/2021/02/01/o-que-os-jornalistas-aprenderam-com-o-primeiro-ano-da-pandemia/>>. Acesso em 22 ago 2021.

DANKOSKY, Andressa Kikuti. CHRISTOFOLETTI, Rogério. PAUL, Dairan. BECKER, Denise. *Ética Jornalística e pandemia: entrevistas com especialistas* [E-book]. Florianópolis: UFSC, 2020, 134p.

NICOLETTI, Janara. *É preciso falar sobre a saúde mental dos jornalistas*. Blog ObjETHOS, 19 abr. 2021. Disponível em: <https://objethos.wordpress.com/2021/04/19/e-preciso-falar-sobre-a-saude-mental-dos-jornalistas/>. Acesso em 22 ago 2021.

ROSA, Bianca. CHRISTOFOLETTI, Rogério. CISECO Entrevistas – Bianca Rosa/ Rogério Christofolletti. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m4LFPhHZTYs>. Acesso em 22 ago 2021.

OSÓRIO, Moreno Luiz. *Jornalismo de dados é, antes de tudo, jornalismo; e jornalismo também é discurso*. Newsletter Farol Jornalismo, Substack, 9 jul 2021. Disponível em: <<https://faroljornalismo.substack.com/p/nfj-332-jornalismo-de-dados-e-antes>>. Acesso em 22 ago 2021.